



22 DE NOVEMBRO, 2011
WORKSHOP P/ JORNALISTAS

**OCPM – XI CONGRESSO MUNDIAL
 DA ORGANIZAÇÃO DAS CIDADES PATRIMÓNIO MUNDIAL**
 “CIDADES PATRIMÓNIO MUNDIAL E AS ALTERAÇÕES CLIMÁTICAS”
 SINTRA, PORTUGAL



T-Time: a comunicação de risco na gestão integrada de uma praga urbana nos Açores

Arroz, A. M., São Marcos, R. Gabriel, R., Borges P. A. V. , Neves, I. C. & Silva P. R.

ARROZ, A.
 aarroz@uac.pt

Universidade dos Açores
 Rua Capitão João D'Ávila
 9700-042 Angra do Heroísmo

bloco comum
SHOWCASE DO TRABALHO...início

Showcase:

Ambiente, Sustentabilidade & Biodiversidade



Universidade dos Açores
Dept.º de Línguas e Literaturas Modernas
Campus de Ponta Delgada

GenERATIONS OF AZOREANS AND RENEWABLE ENERGY: a comparative study

OBJECTIVOS:

Conhecer as perspectivas dos açorianos acerca do ambiente e do uso das energias renováveis

FASEAMENTO:

- 1ª FASE: Entrevistas a famílias
- 2ª FASE: Inquérito por questionário
- 3ª FASE: Intervenção com as famílias
- 4ª FASE: Intervenção com as escolas
- 5ª FASE: Intervenção nas comunidades

RESULTADOS ESPERADOS:

Caracterizar os valores e atitudes de três gerações açorianas face à utilização de energia renovável e à relação entre os hábitos domésticos e seu impacto no consumo energético e no meio ambiente.

Ambiente, Sustentabilidade & Biodiversidade



Perspectivas das Crianças acerca do ambiente

Ambiente, Sustentabilidade & Biodiversidade



Controvérsias em torno da Hortênsia & da Marcília

Percepção de risco & preparedness



1957-1958 – Capelinhos Faial



1980- Terceira, S. Jorge, Graciosa



1998- Faial, Pico e São Jorge



▪ Projecto TOPOI METUS: Cosmografias Sociais do Perigo

objectivo: Construir um instrumento sensível aos leigos

FASE 1 - Estudo exploratório

Explorar narrativas pessoais das situações de desastre natural

PARTICIPANTES – 30

- 5 ilhas: S. Miguel, S. Maria, Terceira, Faial, Flores;
- 3 faixas etárias: 16-25 (N=10); 26-55(N=10); +56(N=10);
- género: ♀ (N=15); ♂ (N=15);

PRODUÇÃO DE DADOS

- Entrevista semi-estruturada (duração média 60 min.)
- Sistema categorial - 6 dimensões / 14 sub-dimensões

FASE 2 – Construção e validação do questionário

FASE 3 – Administração do questionário

998 inquiridos:

- 448 São Miguel
- 200 Terceira
- 150 Faial
- 100 Santa Maria
- 100 Flores

▪ Projecto Elaboração de Planos de emergência:

preparação das famílias para eventos sísmicos

objectivo: Observar e compreender os modos como a família elabora o seu plano de emergência para enfrentar um sismo.

Que factores se encontram associados?

- Sentimento de Comunidade
- Relação com o imóvel
- Robustez da habitação
- Identificação e ligação ao local
- Envolvimento religioso
- Orientação política
- Participação cívica

FASE 1- Selecção das Famílias

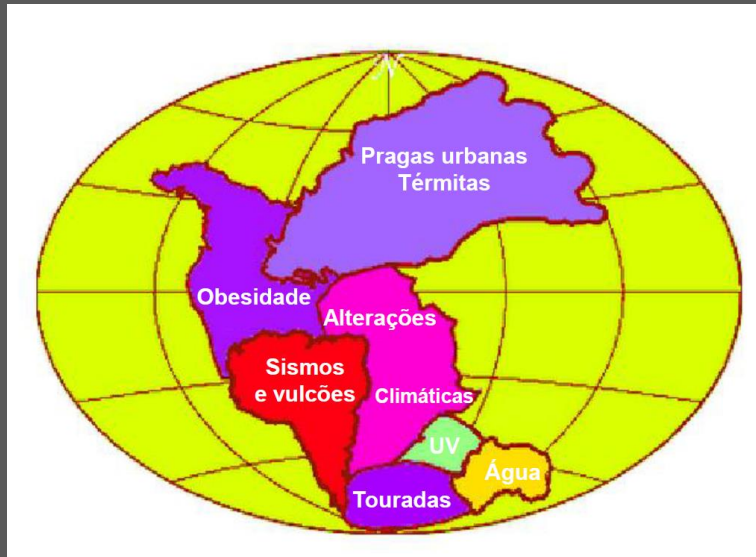
FASE 2 - Primeiro Contacto

FASE 3 - Elaboração do Plano

FASE 4 - Entrevista

FASE 5 - Divulgação dos Planos

Comunicação & Governança do Risco



OBJECTIVOS:

- Apreender as representações recíprocas dos papéis a desempenhar por cada um dos *stakeholders* na gestão dos diferentes riscos.
- Caracterizar a capacidade e qualidade da resposta social nos diferentes riscos em estudo.
- Identificar os factores de credibilização e desacreditação associados à mensagem, ao interlocutor, ao meio de comunicação e audiência.

Projecto “Africa Annes”

Incorporação da Percepção Social na Comunicação de Risco Ambiental

TAREFA 1:

Caracterização dos perfis de risco e racionalidades subjacentes.

- Condicionantes da confiança pública;
- Representações dos açorianos acerca do ambiente
- Condicionantes da legitimação e atractibilidade da mensagem

TAREFA 2:

Caracterização das condicionantes da comunicação de risco, planeamento das acções de comunicação de risco.

- Selecção de objectivos
- Selecção de grupos-alvo
- Selecção de estratégias
- Elaboração de planos de intervenção

TAREFA 3:

Intervenção na gestão comunicacional de riscos ambientais.

- Implementação dos planos de acção
- Regulação e pilotagem dos projectos de intervenção
- Sistematização e análise dos dispositivos implementados

Comunicação & Governança do Risco



Projecto “SOS Térmitas – Unidos na Prevenção”

Programa de Comunicação de Risco para o Combate às Térmitas nos Municípios Açorianos

OBJECTIVOS:

CONSOLIDAR A CONSCIÊNCIA SOCIAL DO RISCO DA INFESTAÇÃO:

- Sensibilizar as populações para o problema;
- Promover a literacia no âmbito da detecção, controlo e extermínio da praga;
- Desenvolver competências no âmbito da detecção, controlo e extermínio da praga.

PROMOVER A PARTILHA DE RESPONSABILIDADES NA GESTÃO:

- Mediar a co-responsabilização de *stakeholders*;
- Promover a confiança dos *stakeholders* na gestão dando visibilidade às responsabilidades assumidas pelo Estado;
- Co-responsabilizar os *stakeholders*, implicando-os em práticas concretas.

Comunicação & Governança do Risco



“Da informação ao conhecimento: A comunicação de risco na mitigação das alterações climáticas”

Orientação de Tese de Doutoramento
em Gestão Interdisciplinar da Paisagem

QUESTÃO DE INVESTIGAÇÃO:

- Quais serão os atributos necessários a uma Comunicação de Risco eficaz na alteração de conhecimentos e/ou comportamentos acerca das alterações climáticas que conduza à minimização dos seus impactos na paisagem terceirense?



Etapas 1 e 2 - 1º Artigo Científico – Junho 2012

Inquérito (Percepções, representações, conhecimentos) → Tratamento dos Dados → Conclusões

Etapas 3 e 4 - 2º Artigo Científico – Novembro 2012

Inquérito Peritos Factos → Construção de cenários → Conclusões

Etapas 5 à 9 - 3º Artigo Científico – Julho de 2013

Inquérito Cenários Stakeholders → Desenho e Aplicação de diferentes arquitecturas de Comunicação de Risco → Impactos Observados → Impactos Modelados → Conclusões

Comunicação & Governança do Risco



“Agualva 2009! Vivências de uma cheia e atribuições de responsabilidade”

Orientação de Tese de Mestrado (*working title*)

QUESTÕES ORIENTADORAS:

- Desde o último evento (1962), como é que o sistema social se preparou para lidar com eventuais aumentos de precipitação?
- E depois de Dezembro de 2009 o que foi está a ser feito para mitigar o risco e as suas consequências?

OBJECTIVOS:

- Identificar os condicionantes deste tipo de evento extremos na Agualva e estimar a sua probabilidade de ocorrência;
- Caracterizar a resiliência do sistema social, desocultando as principais vulnerabilidades da freguesia e o modo como são interpretadas pela população.

bloco comum
SHOWCASE DO TRABALHO...FIM

bloco comum
TÉRMITAS O PROBLEMA...início

O que sabemos acerca do problema através da investigação desenvolvida na avaliação de risco...

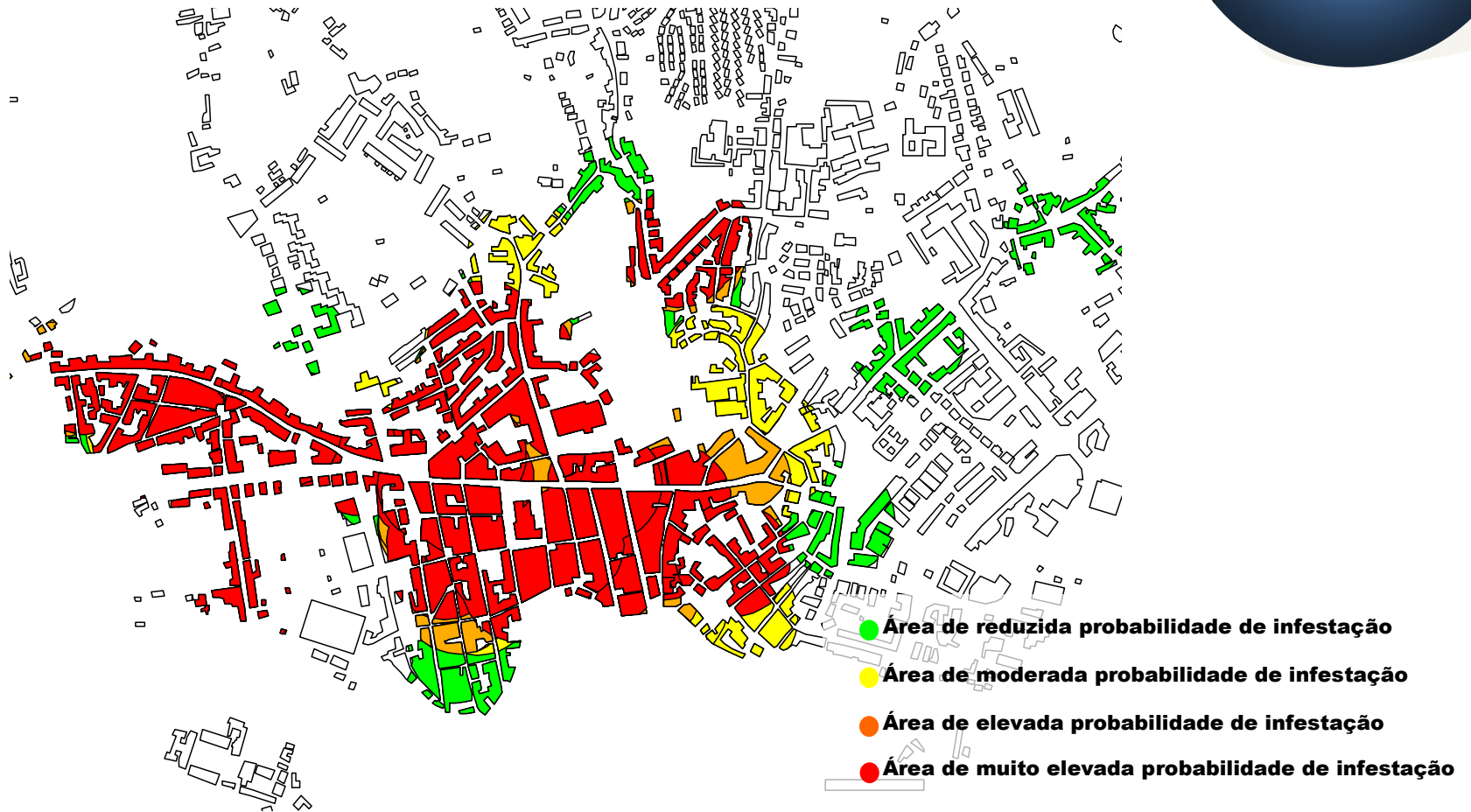


investigadores

- A situação tem-se alargado a outras ilhas e está a agravar-se na maioria dos locais onde está sinalizada (Guerreiro, 2011);
- Desconhece-se a situação de muitas ilhas e de muitos locais em cada uma das ilhas já monitorizadas.
- Os dois tipos de madeira usados tipicamente na construção civil açoriana (*Cryptomeria japonica* and *Eucalyptus spp.*) encontram-se entre os mais consumidos pela *C. brevis*;
- A infestação não pode ser completamente erradicada;

Angra do Heroísmo, ILHA TERCEIRA

investigadores

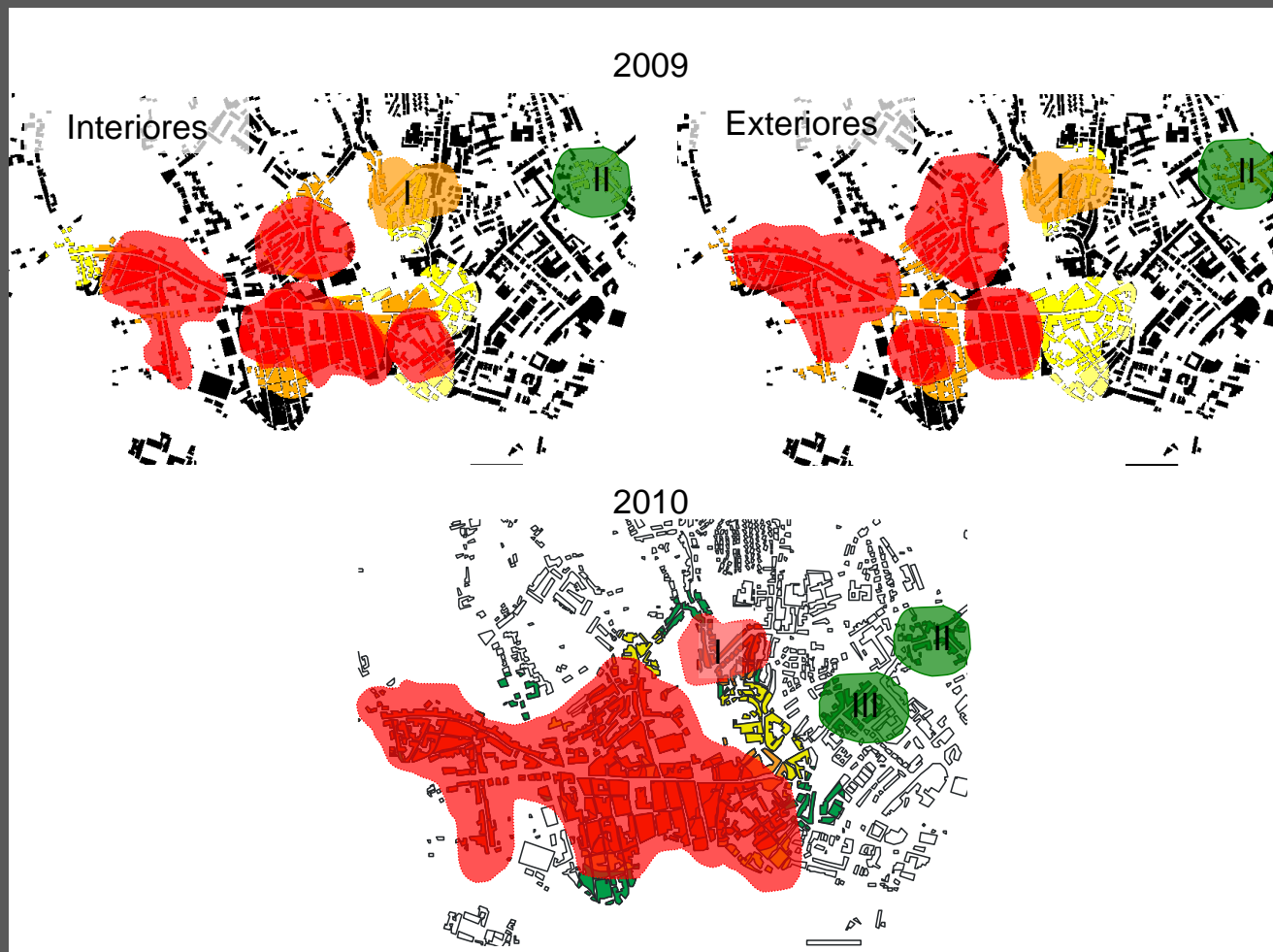


Guerreiro, O., Borges, A., Ferreira, F., Couto, C. & Borges, P.A.V. (2010). *A térmita de madeira seca Cryptotermes brevis (Walker) no Arquipélago dos Açores: monitorização e controle dos voos de dispersão e prevenção da colonização nas principais localidades afectadas*. Departamento de Ciências Agrárias, Universidade dos Açores, Angra do Heroísmo.

Angra do Heroísmo, ILHA TERCEIRA

Comparação entre 2009 e 2010

investigadores



Guerreiro, O., Borges, A., Ferreira, F., Couto, C. & Borges, P.A.V. (2010). *A térmita de madeira seca* *Cryptotermes brevis* (Walker) no Arquipélago dos Açores: monitorização e controle dos voos de dispersão e prevenção da colonização nas principais localidades afectadas. Departamento de Ciências Agrárias, Universidade dos Açores, Angra do Heroísmo.

- As tecnologias de desinfestação existentes na Região estão a dar os primeiros passos: formação incipiente, segundo uma cultura de reprodução e não de inovação tecnológica (I&D);
- Recentemente, um estudo comparativo de aplicação do método da temperatura deu resultados muito optimistas para o extermínio, no entanto esta tecnologia ainda não se encontra disponível no mercado regional;
- As áreas mais afectadas estão localizadas nos centros históricos das principais cidades, onde os edifícios são velhos, os seus habitantes idosos e com baixos recursos (rendimentos e literacia).



VULNERABILIDADE DO SISTEMA SOCIO ECONÓMICO

AUMENTA A GRAVIDADE DO IMPACTO DA PRAGA

Qual tem sido a resposta social ao risco...



Legislação desde Janeiro de 2011

- *“Este é um problema privado e deve ser controlado pelos cidadãos”*

Orientação liberal

- Reforça a responsabilidade individual no controlo do problema;
- Introduce uma maior transparência no mercado imobiliário ao exigir a certificação de presença/ausência da praga no edificado;
- Regula as acções individuais quando estas colidem com o colectivo (transporte, depósito, e eliminação de resíduos infestados provenientes de obras de construção, mobiliário, etc.)

Qual tem sido a resposta social ao risco...



Legislação desde Janeiro de 2011

- A responsabilidade é empurrada de uma entidade para outra (*dentro* do Governo e *entre* o Governo regional e poder local)

IGNORADOS NA PRÁTICA:

- Que papel para cada uma das instituições? Câmaras Municipais? Secretaria da Habitação? Secretaria do Ambiente?
- Como é assegurada a articulação entre serviços?
- Quais os parceiros licenciados?

TERRA DE NINGUÉM:

- Monitorização
- Informação Pública
- Prevenção

cidadãos

O que sabemos acerca da percepção do risco, representações e formas de lidar com o problema...

INCONTROLABILIDADE

É

- modo de actuação da praga (invisibilidade da destruição);
- experiência internacional demonstra impossibilidade de erradicação.

ESTÁ



— inexistência de soluções técnicas eficazes de extermínio;



— inexistência de recursos e apoios financeiros;



— ausência de medidas de controlo implementadas pelo Estado;



— descrença na concertação e colaboração entre todos os implicados.



O que sabemos acerca da percepção do risco, representações e formas de lidar com o problema...

AVALIADORES DE RISCO: “ninguém nos ouve!”

- Os decisores políticos: não demonstram vontade política na gestão do problema.
- Os cidadãos: são ignorantes, passivos e desinteressados

CIDADÃOS: “se eles não fazem porque é que eu haveria de fazer”

- Confiam nos investigadores
- Os decisores políticos: não são confiáveis:
 - “Prometem mas não cumprem!”
 - Apenas agem quando já não existe outra saída .

avaliadores
de risco

DECISORES POLÍTICOS: “é um problema privado e deve ser controlado pelos cidadãos”

- Os avaliadores de risco:
 - exageram nos cenários antecipando piores impactos do que acabam por efectivamente acontecer.
- Os cidadãos:
 - falta de interesse e de participação pública
 - contam demasiado com um “estado paternalista”

decisores
políticos

cidadãos

O que sabemos acerca da percepção do risco, representações e formas de lidar com o problema...



Tipo de risco e implicações na sua gestão

(Fonte: Renn, 2005, p. 16)

Caracterização do conheci/. social	Estratégias de gestão	Instrumentos	Participação dos interessados
Problemas de risco SIMPLES	Baseadas na rotina: Jjuízos relativos à Tolerabilidade e Aceitabilidade) (Redução do Risco)	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Aplicação de tomadas de decisão “tradicionais”: ☛ Análise de custo-benefício; ☛ Tentativa e erro; ☛ Padrões e normas técnicos; ☛ Incentivos económicos; ☛ Educação, etiquetagem, informação; ☛ Acordos voluntários 	Discurso Instrumental
Problemas de risco com COMPLEXIDADE INDUZIDA	Baseadas na Informação sobre o risco: (Agente/Fonte do risco e cadeia causal)	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Caracterizar os dados e evidência disponíveis: ☛ O consenso entre especialistas é que orienta a pesquisa de instrumentos: i. Método de Delphi de produção interactiva de estimativas sistemáticas baseadas na experiência independente de vários especialistas ou outras estratégias de produção de consensos entre especialistas ii. Metanálise iii. Construção de cenários ☛ Resultados alimentam operações de rotina 	Discurso Epistemológico
	Focadas no Robustecimento (Sistema de absorção do Risco)	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Melhorar a capacidade de enfrentar o risco: ☛ Factores adicionais de segurança ☛ Redundância e diversidade na concepção de dispositivos de segurança ☛ Melhorar a capacidade de enfrentamento ☛ Criação de organizações de elevada fiabilidade 	

Tipo de risco e implicações na sua gestão

Caracterização do conheci/ social	Estratégias de gestão	Instrumentos adequados <small>(Fonte: Renn, 2005, p. 16)</small>	Participação dos interessados
Problemas de risco com INCERTEZA induzida	Baseadas na Precaução (Agente/Fonte do risco)	> Caracterização do risco: baseada em estimativas suportadas em juízos relativos a propriedades do risco como a ubiquidade, a persistência, a intensidade das potenciais consequências, etc. Instrumentos e normas incluem: <ul style="list-style-type: none"> • Confinamento • ALARA (tão baixos quanto realizáveis) e ALARP (tão baixos quanto possível) • BACT (melhor tecnologia de controle disponível) 	Discurso Reflexivo
	Focadas na Resiliência (Sistema de absorção do Risco)	> Promover a capacidade para lidar com surpresas <ul style="list-style-type: none"> • Diversidade de meios para atingir os benefícios desejados • Evitar a vulnerabilidade elevada • Favorecer respostas flexíveis • <i>Preparedness</i> para adaptação 	
Problemas de risco com AMBIGUIDADE induzida	Baseadas no Discurso	> Aplicação de métodos de resolução de conflitos para chegar a consensos ou tolerância estratégica nos resultados da avaliação de risco e na selecção de opções de gestão <ul style="list-style-type: none"> • Envolvimento e integração dos interessados nas tomadas de decisão • Ênfase na comunicação e no discurso social 	Discurso Participativo (ex: recurso a mesas redondas, fóruns, blogs etc.)

Tipo de risco e implicações na sua gestão

(Fonte: Renn, 2005, p. 16)

Caracterização do conheci/. social	Estratégias de gestão	Instrumentos	Participação dos interessados
Problemas de risco SIMPLES	Baseadas na rotina: Jjuízos relativos à Tolerabilidade e Aceitabilidade) (Redução do Risco)	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Aplicação de tomadas de decisão “tradicionais”: ☘ Análise de custo-benefício; ☘ Tentativa e erro; ☘ Padrões e normas técnicos; ☘ Incentivos económicos; ☘ Educação, etiquetagem, informação; ☘ Acordos voluntários 	Discurso Instrumental
Problemas de risco com COMPLEXIDADE INDUZIDA	Baseadas na Informação sobre o risco: (Agente/Fonte do risco e cadeia causal)	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Caracterizar os dados e evidência disponíveis: ☘ O consenso entre especialistas é que orienta a pesquisa de instrumentos: Método de Delphi; Construção de cenários ☘ Resultados alimentam operações de rotina 	Discurso Epistemológico (validade e legitimidade)
	Focadas no Robustecimento (Sistema de absorção do Risco)	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Melhorar a capacidade de enfrentar o risco: ☘ Factores adicionais de segurança ☘ Redundância e diversidade na concepção de dispositivos de segurança ☘ Melhorar a cap. de enfrentamento ☘ Criar organizações com elevada fiabilidade 	

bloco comum
TÉRMITAS O PROBLEMA...fim

bloco DO
PROGRAMA DE CR...início

Governança do Risco

- Análise interdisciplinar que contempla aspectos das ciências naturais e técnicas, económicas, sociais e culturais.
- Integra os 3 pilares tradicionais dos processos de análise do risco – AVALIAÇÃO, GESTÃO E COMUNICAÇÃO, mas vai para além deles... conjugando-os entre si numa **racionalidade comunicativa**, que implica “dar voz” a todos os **stakeholders** que visem encontrar as melhores soluções para a mitigação do risco e minimização das suas consequências
- Contempla o comprometimento efectivo de todos os parceiros envolvidos (*stakeholders*), para que haja eficácia

Esquema de Governança do Risco do IRGC

(International Risk Governance Council)

Âmbito da Gestão:

Decisão e Implementação de Acções

Âmbito da Avaliação:

Formulação do Conhecimento

Pré-Avaliação

- Enquadramento do Problema
- Avisos prévios
- Esquematização de relance
- Determinação de Convenções Científicas

Gestão do Risco

Implementação

- Opções de Realização
- Monitorização e Controlo
- Feedback das Práticas de Gestão do Risco

Tomada de Decisão

- Opções de Identificação e Geração
- Opções de avaliação
- Opções de evolução e selecção

Apreciação do Risco

Avaliação do Risco

- Identificação e estimativa do perigo
- Avaliação da exposição e da vulnerabilidade
- Estimativa de Risco

Avaliação da preocupação

- Percepção do risco
- Preocupação social
- Impactos Socioeconómicos

Comunicação

Julgamento, Tolerabilidade e Aceitabilidade

Ponderação do Risco

- Estimar e ponderar a tolerabilidade e a aceitabilidade
- Ponderar a necessidade de medidas de redução do risco

Caracterização do Risco

- Perfil do Risco
- Avaliação da Gravidade do Risco
- Conclusões e opções de Redução do Risco

Princípios da EQUIPA de **COMUNICAÇÃO DE RISCO:**

- Uma gestão do risco eficaz:
 - implica o envolvimento de todos os *stakeholders*;
 - é um processo de comunicação bilateral;
- A CR funciona como um **INSTRUMENTO DE**
 - **COMPREENSÃO** de todo o processo de análise e enfrentamento do risco;
 - **MEDIAÇÃO** para promover tolerância, apaziguar situações de conflito entre perspectivas diferentes, apresentar opções de resolução, e criar **CONFIANÇA** no sistema de gestão integrada do risco.

STAKEHOLDERS:

- CIDADÃOS
- MUNICÍPIOS
- COMUNICAÇÃO SOCIAL
- INSTÂNCIAS GOVERNAMENTAIS

STAKEHOLDERS:

- FORÇAS POLICIAIS
- INVESTIGADORES
- TECIDO EMPRESARIAL
- MEDIADORES

todos têm um papel activo a desempenhar

Programa 'SOS Térmitas - Unidos na Prevenção'

Stakeholders implicados

FOCO: Colaboração



Programa 'SOS Térmitas - Unidos na Prevenção': MATERIALIZAÇÃO DOS PRINCÍPIOS DA COMUNICAÇÃO DE RISCO *(Modelo de governança do risco do IRGC)*

Envolvimento dos stakeholders no
controle da praga

PRIORIDADES:
Promover a
governança e
a colaboração

"UNITED WE STAND,
DIVIDED WE FALL!"

bloco DO
PROGRAMA DE CR...fim

bloco da
CAMPANHA DE CR...INÍCIO

OBJECTIVOS ESTRATÉGICOS:

(etapa actual da CR - Covello & Sandman, 2001; Leiss, 1996)

INCONTROLABILIDADE → CONTROLABILIDADE

- Consolidar a consciência social do risco da infestação
- Envolver todos os *stakeholders* no controlo da infestação através de uma alteração de comportamento na adopção de comportamentos de prevenção e controlo

FALTA DE CONFIANÇA MÚTUA → CONFIANÇA MÚTUA

- Construir confiança mútua
- Partilhar responsabilidades na assumpção de compromissos



OUTDOORS



ESQUADRÕES-T

IMANES & ARMADILHAS

MONTE A ARMADILHA NO INTERIOR DA DIVISÃO COM MAIS MADEIRAS. AS ZONAS MAIS ILUMINADAS ATRAEM AS TÉRMITAS!



MANTENHA A LUZ ACESA DAS 17h À 01h E DAS 06h ÀS 08h. UTILIZE LÂMPADAS DE BAIXO CONSUMO (5 A 15W). DEPOIS DE USADA DEVOLVA A SUA ARMADILHA NA SUA JUNTA DE FREGUESIA. SOSTERMITAS.ANGRA.UAC.PT



ARRUADA



DIA - T



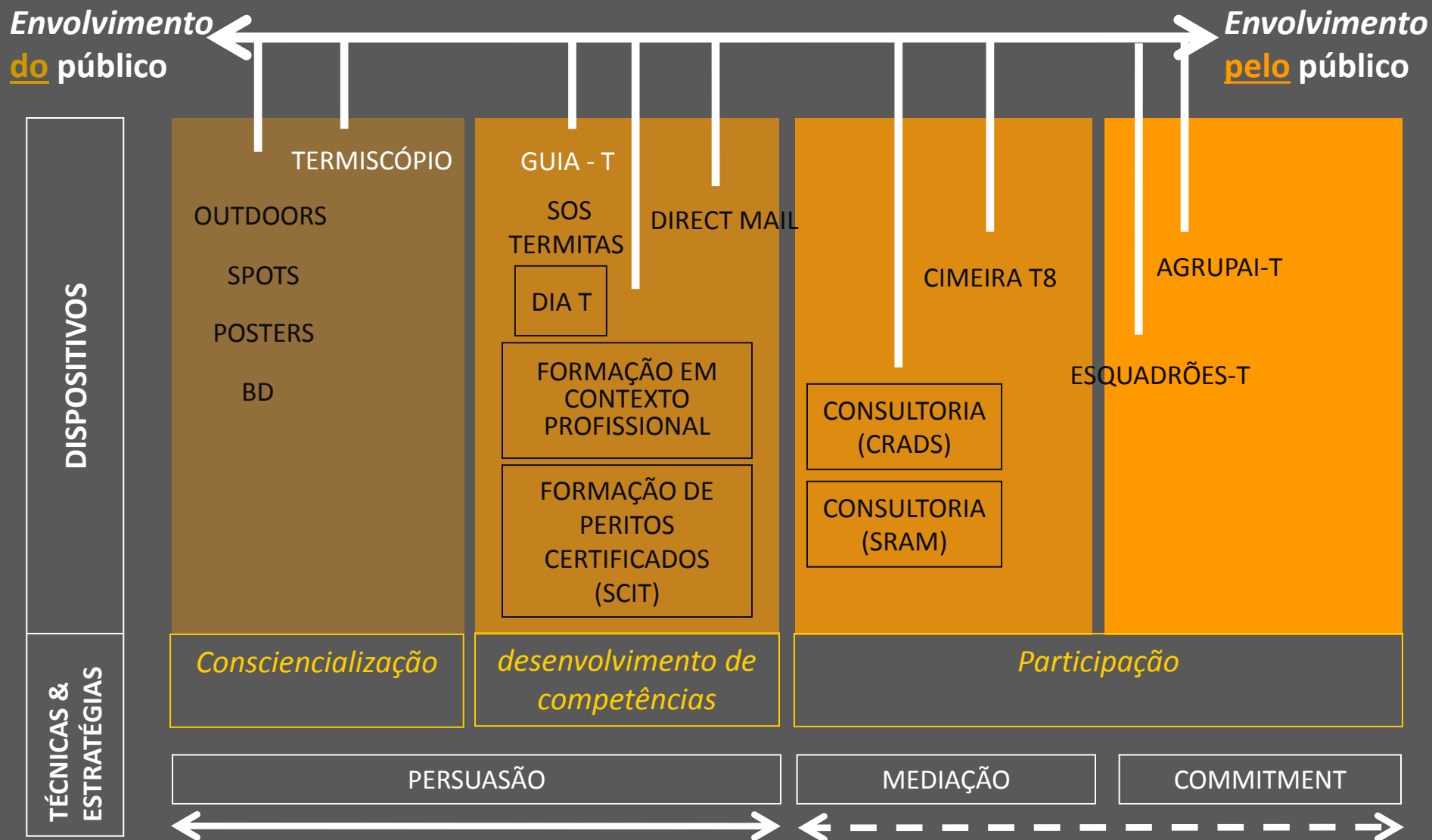
FORMAÇÃO EM CONTEXTO



BD



Programa 'SOS Térmitas - Unidos na Prevenção': Espectro dos dispositivos comunicacionais



Envolvimento
do público

Envolvimento
pele público

DISPOSITIVOS



✓ OUTDOORS

- CONTEÚDO: *Atenção! Proteja-se! Juntos conseguimos fazer face ao problema!*
- FORMA: Aforismo, linguagem vernacular, provérbio, rima para transmitir conceitos científicos

Consciencialização

desenvolvimento de
competências

Participação

TÉCNICAS &
ESTRATÉGIAS

PERSUAÇÃO

MEDIAÇÃO

COMMITMENT



Envolvimento
do público ←

→ Envolvimento
pelo público

DISPOSITIVOS



✓ ÍMANES & ARMADILHAS

- CONTEÚDO: Mostrar aos cidadãos como podem participar no controlo da praga através de uma acção simples mas muito eficaz.
- FORMA: *Direct-mail* ao munícipes de armadilhas cromotrópicas amarelas acompanhadas de um iman com instruções de montagem.

TÉCNICAS & ESTRATÉGIAS

Consciencialização

desenvolvimento de competências

Participação

PERSUAÇÃO

MEDIAÇÃO

COMMITMENT



Envolvimento
do público ←

→ Envolvimento
pelo público

DISPOSITIVOS

✓ ESQUADRÕES - T

- CONTEÚDO: *Precisa de ajuda? Você não está sozinho!*
- FORMA: Equipas intergeracionais (jovens e coordenadores séniores) para actuar junto dos cidadãos das freguesias mais afectadas.



TÉCNICAS &
ESTRATÉGIAS

Consciencialização

desenvolvimento de
competências

Participação

PERSUAÇÃO

MEDIAÇÃO

COMMITMENT



Envolvimento
do público

Envolvimento
pele público

DISPOSITIVOS

TÉCNICAS &
ESTRATÉGIAS



Conscientização

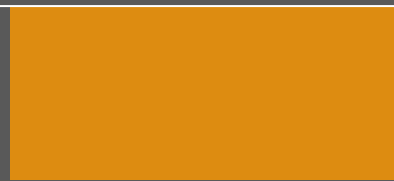


desenvolvimento de
competências



DIA - T

- CONTEÚDO: *Precisa de ajuda? Você não está sozinho!*
- FORMA: Celebrou-se o dia dos Açores abrindo a porta da Universidade para esclarecimento de dúvidas dos cidadãos.



Participação

PERSUASÃO

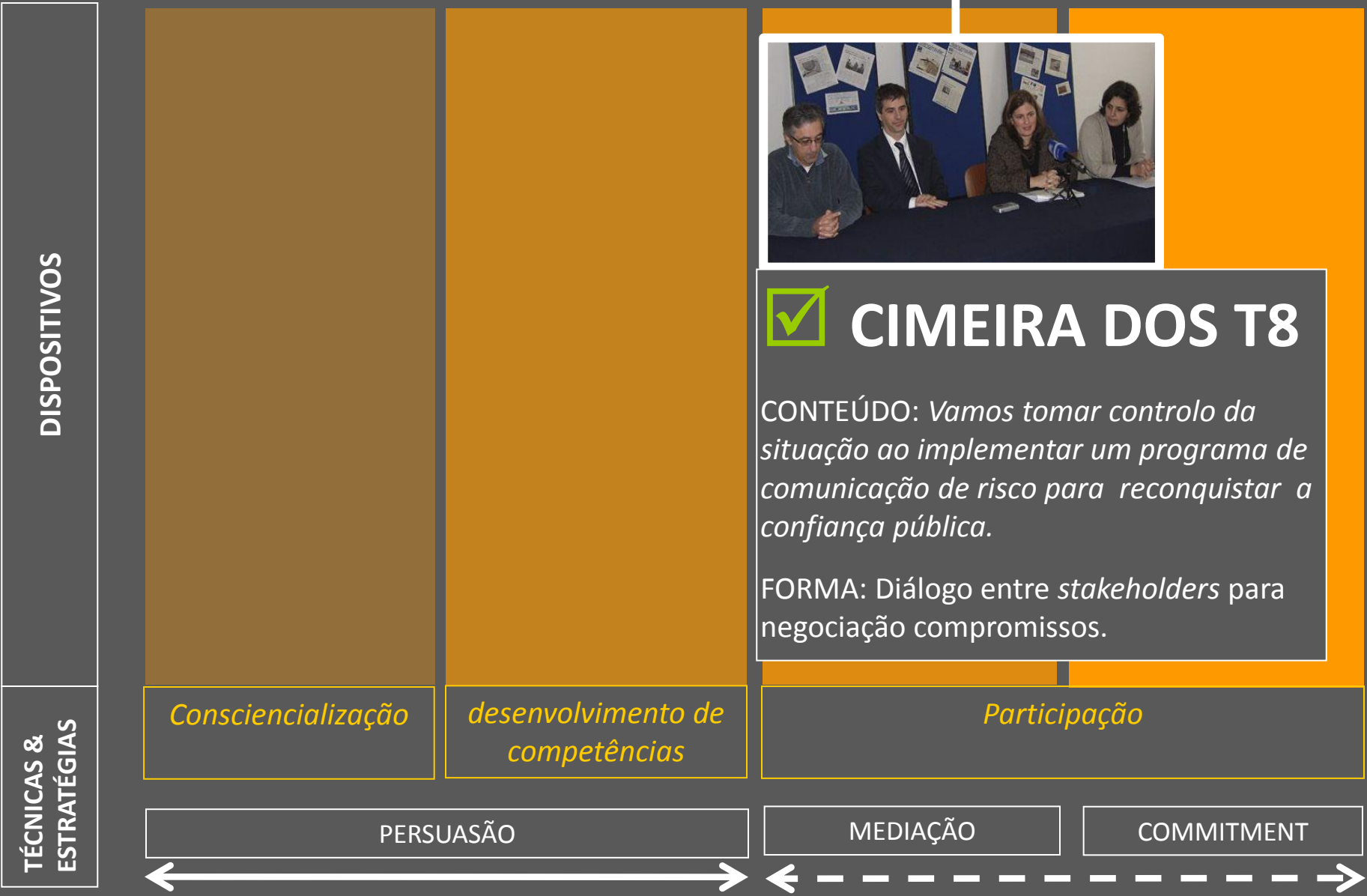
MEDIAÇÃO

COMMITMENT



Envolvimento
do público

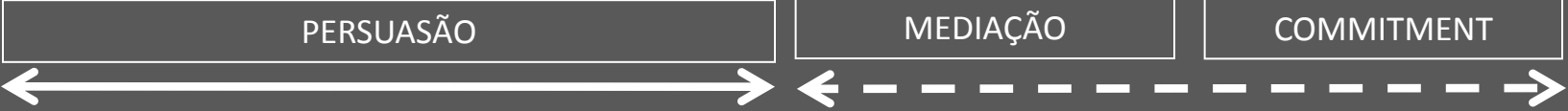
Envolvimento
pelo público



CIMEIRA DOS T8

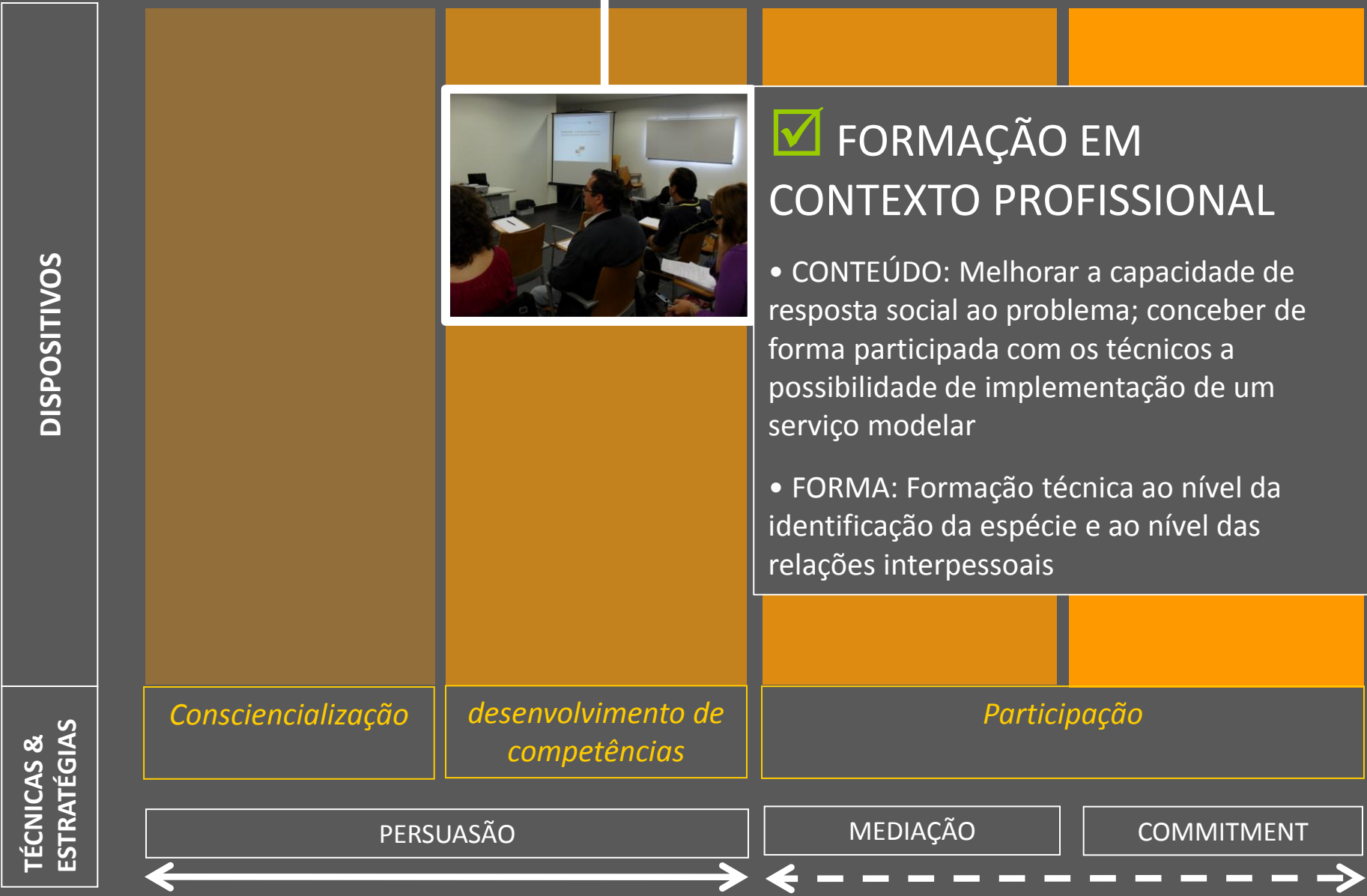
CONTEÚDO: Vamos tomar controlo da situação ao implementar um programa de comunicação de risco para reconquistar a confiança pública.

FORMA: Diálogo entre stakeholders para negociação compromissos.



Envolvimento
do público

Envolvimento
pelo público



Envolvimento
do público ←

→ Envolvimento
pele público

DISPOSITIVOS



BD

- CONTEÚDO: distopia e hiperrealismo para exagero das características formais e ecológicas da espécie
- FORMA: ficção científica projectando num futuroas consequências da falta de acção humana.

TÉCNICAS & ESTRATÉGIAS

Consciencialização

desenvolvimento de competências

Participação

PERSUAÇÃO

MEDIAÇÃO

COMMITMENT



Envolvimento
do público

Envolvimento
pele público

DISPOSITIVOS



SPOT TV + RÁDIO

- CONTEÚDO: *As Térmitas só são um problema invisível se não olharmos para ele.*
- FORMA: Cenários da vida quotidiana Açoriana (Escola, Igreja, Casa particular) são retratados para recriar o colapso generalizado dos espaços causados pela acção *silenciosa* da praga.

TÉCNICAS &
ESTRATÉGIAS

Consciencialização

desenvolvimento de
competências

Participação

PERSUAÇÃO

MEDIAÇÃO

COMMITMENT



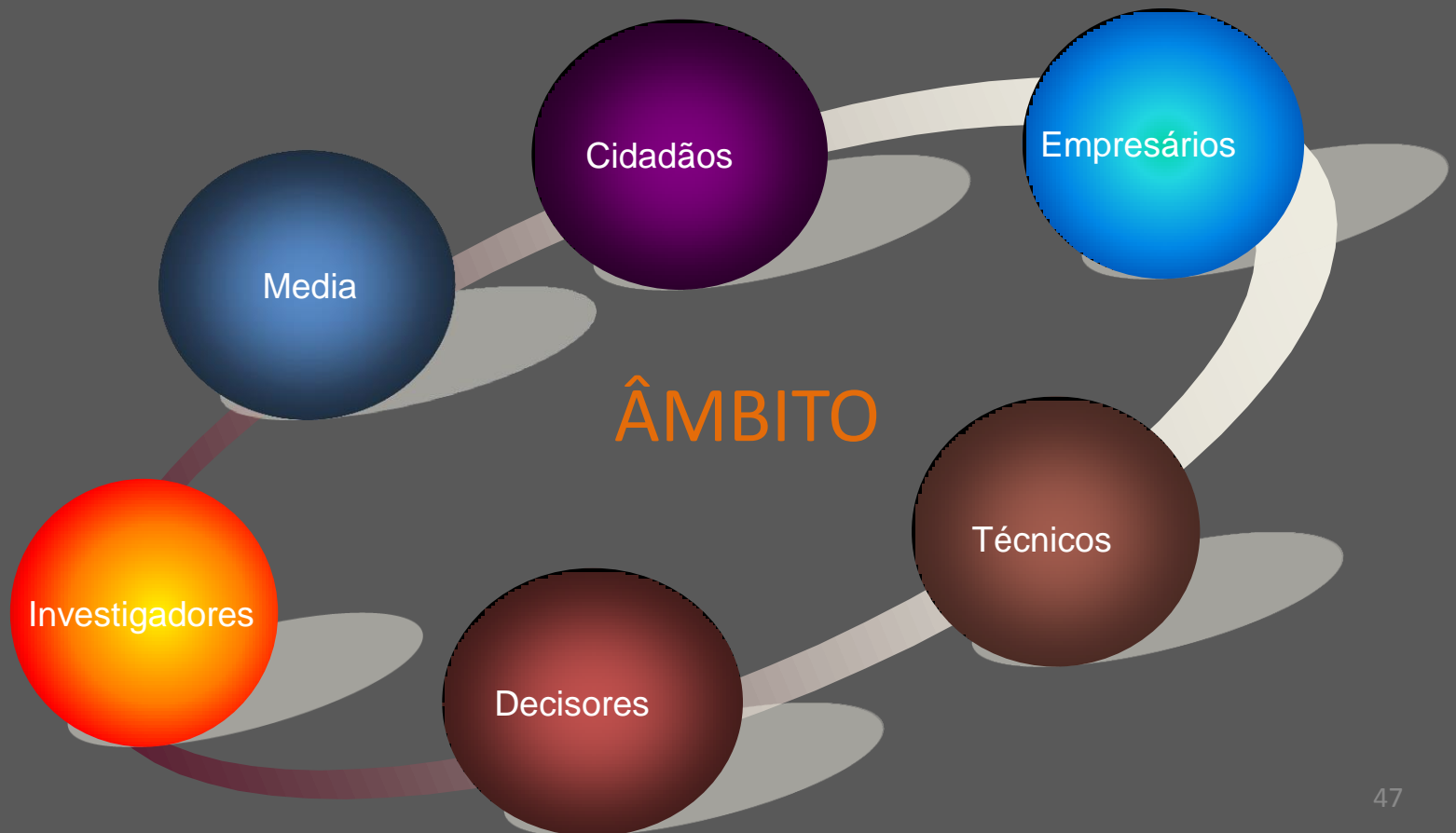
bloco da
CAMPANHA DE CR...FIM

bloco específico p/
jornalistas...início

Programa 'SOS Térmitas - Unidos na Prevenção'

Stakeholders implicados

FOCO: Colaboração



Programa 'SOS Térmitas - Unidos na Prevenção'

Como tem sido a nossa relação com os media?

Os media sempre foram reconhecidos enquanto **stakeholder fundamental na governance do risco**, no entanto, por falta de a capacidade de resposta da equipa (recursos humanos limitados) não têm sido alvo da nossa atenção. Apenas foram utilizados enquanto recurso mediático para garantir repercussão pública à campanha.



UTILIZAÇÃO INSTRUMENTAL

REDACÇÃO DE *PRESS RELEASES*

utilizadas na integra pelos jornalistas numa reprodução acrítica dos seus conteúdos.

Programa 'SOS Térmitas - Unidos na Prevenção'

Como tem sido a nossa relação com os media?

Quais foram os nossos objectivos?

1. GARANTIR A REPERCUSÃO MEDIÁTICA DA CAMPANHA

Assegurar eficácia aos dispositivos de comunicação implementados e conquistar maior audibilidade e conseqüentemente uma maior mobilização pública.

2. CONQUISTAR AUDIBILIDADE PARA A COMUNICAÇÃO DE RISCO

Como fonte de informação válida e credível, um estatuto apenas assegurado até então aos avaliadores de risco, enquanto detentores do “conhecimento científico”, condição essa não reconhecida às ciências sociais.



O “testemunho” foi nos passado pelo Coordenador da Equipa de Monitorização da Infestação, que tinha sido até então o “rosto público” do combate à Térmitas.

Media

Programa 'SOS Térmitas - Unidos na Prevenção'

Como tem sido a nossa relação com os media?

Objectivos conquistados:

1. REPERCUSSÃO MEDIÁTICA DA CAMPANHA



Esquadrões-T reportagem de abertura do Telejornal da RTP Açores.

2. AUDIBILIDADE PARA A COMUNICAÇÃO DE RISCO



Programa em directo com emissão simultânea na Antena 1 e na RTP Açores. Um especialista é convidado a responder às questões levantadas pelos ouvintes acerca do tema em debate.

Programa 'SOS Térmitas - Unidos na Prevenção'

A agenda da Comunicação de Risco

Quais os nossos objectivos actuais?

INTERVENÇÃO

1. MANTER A AUDIBILIDADE CONQUISTADA

Como “agarrar” o convite por parte da Rádio Clube de Angra para o ser nosso *mediapartner*?

2. GARANTIR A FIABILIDADE INFORMAÇÃO

Como se assegurar a distância crítica dos Jornalistas?

3. PROMOVER A RESPONSABILIDADE SOCIAL

Que papel para os media no controlo da praga?

INVESTIGAÇÃO

ANALISAR O DISCURSO MEDIÁTICO

ENSAIAR FORMAS DE CO-CONSTRUÇÃO DE NOTÍCIA

Como operacionalizar a Co - produção de notícia?

Qual a agenda de cada *stakeholder* em relação ao papel dos media no controlo da praga?

Como conciliar as diferentes agendas em presença?

- media
- comunicação de risco
- avaliadores de risco
- decisores políticos
- cidadãos

Media

Qual a agenda de cada *stakeholder* no que concerne ao papel dos media no controlo da praga?

Media

Cidadãos

Empresários

CONTROLO DA
PRAGA URBANA

Investigadores

Decisores

Técnicos

Mapeamento de tarefas para a Gestão de Risco*

CIDADÃOS

TÉCNICOS

DECISORES

GESTÃO INTEGRADA DA PRAGA

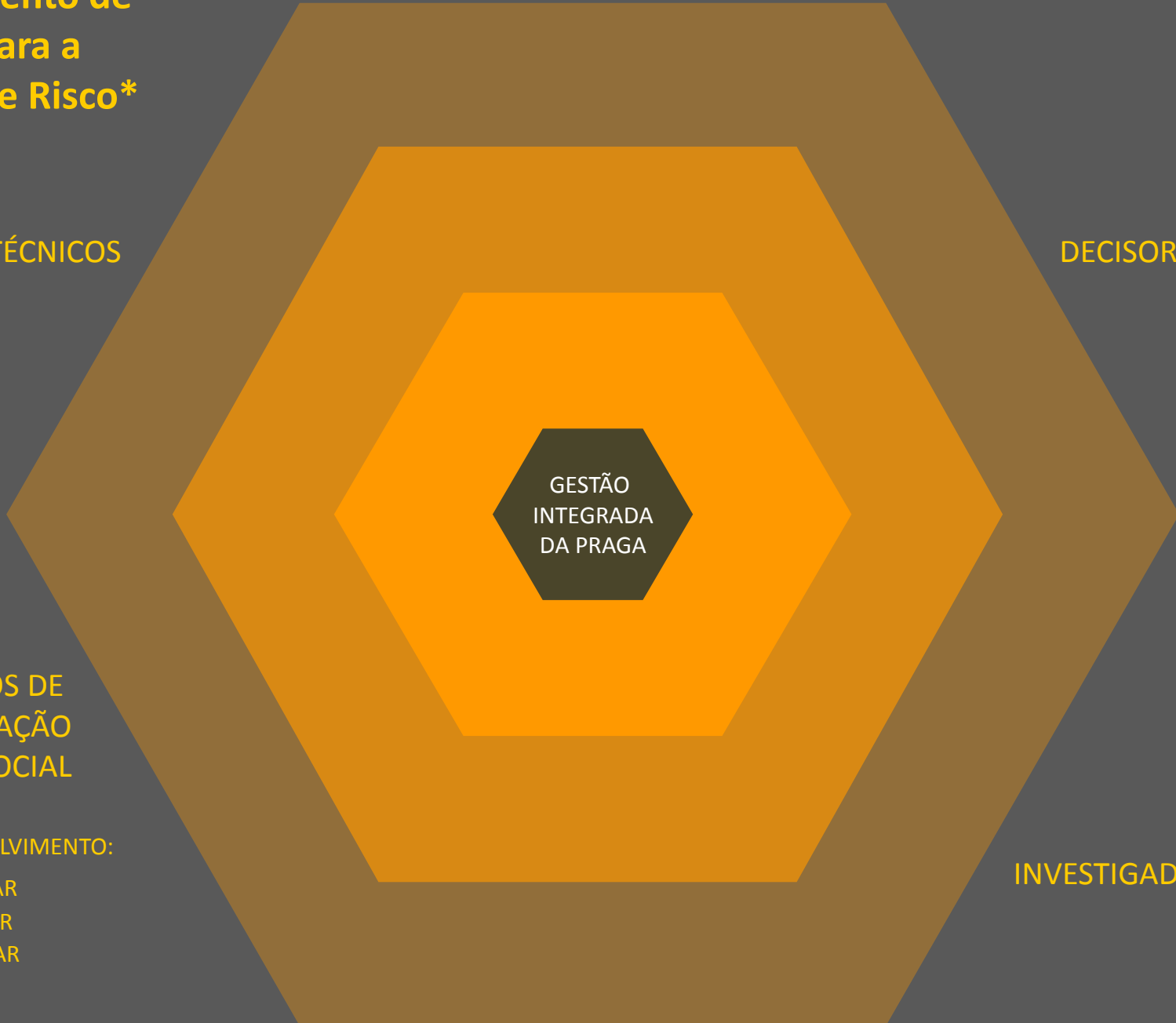
ORGÃOS DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

INVESTIGADORES

EMPRESÁRIOS

NÍVEIS DE ENVOLVIMENTO:

-  PARTICIPAR
-  INFORMAR
-  CONSULTAR



Mapeamento de tarefas para a Gestão de Risco*

TÉCNICOS

DECISORES

ORGÃOS DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

INVESTIGADORES

CIDADÃOS

EMPRESÁRIOS

Freguesias onde a infestação se encontra circunscrita

GESTÃO INTEGRADA DA PRAGA

NÍVEIS DE ENVOLVIMENTO:

-  PARTICIPAR
-  INFORMAR
-  CONSULTAR

EM REALIZAÇÃO

REALIZADO / POR REALIZAR

* (modelo de análise criado com base em: Renn, 2005 e Rowe, 2005)

bloco específico p/
jornalistas....fim

A Equipa de Comunicação de Risco **'SOS Térmitas - Unidos na Prevenção'**



Ana Moura Arroiz
Coordenadora
Psicologia Social



Isabel Neves
Gestão Financeira
Eng.^a do Ambiente



Paulo Silva
Administrativo
Energias Renováveis



Rita São Marcos
???
Design de Comunicação

Referências bibliográficas

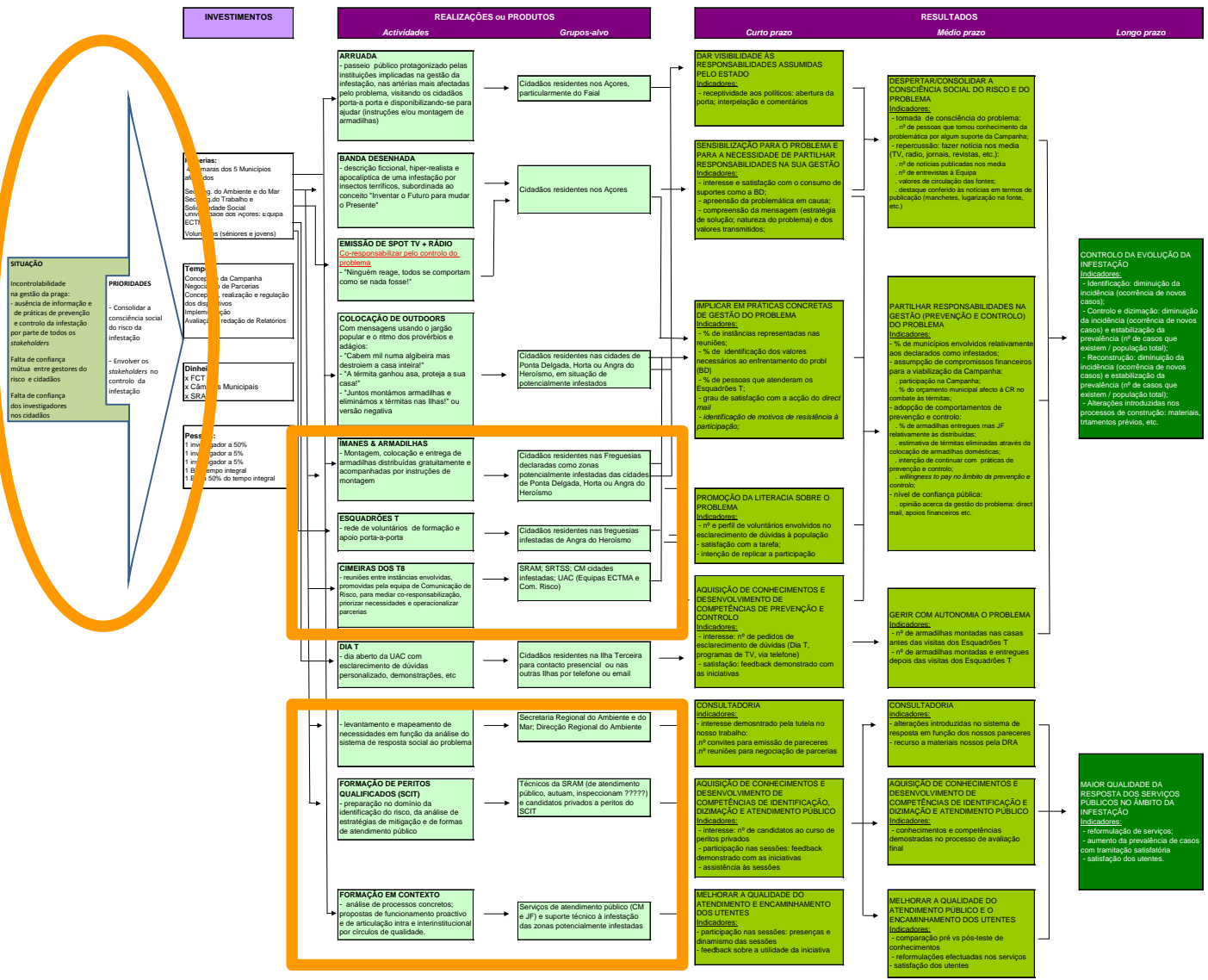
- Arroz, A. M, São Marcos, R., Gabriel, R. , Borges, P. V. , Neves, I. C. & Rego, I. E. (2011, Julho). *Stakeholder and public partnerships in inclusive risk governance: From involvement to participation and deliberation*. Comunicação apresentada na Community Development International Conference, Fundação Gulbenkian, Lisboa, Portugal.
- Arroz, A. M, São Marcos, R., Gabriel, R. & Borges, P. V. (2010, Junho). *United we stand, divided we fall – empowerment and commitment in the local action. A risk communication program on the governance of an urban termite plague in the Azores*. Comunicação apresentada na Society for Risk Analysis (SRA) – Europe conference, King's Colledge, Londres, Reino Unido.
- Arroz, A. M., Palos, A. C., Rego, I. E., Borges, P. A. V. & Bettencourt (2007, June). *Science, society, politics, and the media – Joining efforts to manage the risk of termite infestation in the Azores*. Comunicação apresentada na Conference Sustainability into practice: From local to global making a difference. Kingston University, London, UK.
- Cass, N. (2006). *Participatory-deliberative engagement: A literature review*. Working paper 1.2. of the research project “Beyond Nimbyism: a multidisciplinary investigation of public engagement with renewable energy technologies”. Manchester, UK: School of Environment and Development. Extraído a 20.01.2008 de http://www.manchester.ac.uk/sed/research/beyond_nimbyism.
- Cvetkovich, G. & Löfstedt, R. E. (Eds.). (1999). *Social trust and the management of risk*. London: Earthscan.
- Fischhoff, B. (1995). Risk perception and communication unplugged: Twenty years of process. *Risk Analysis* 15 (2) 137-145.
- Galdo, J. H. (2007, Maio). *Pandemic communication: can social marketing and risk communication both play a role?* Dissertação de mestrado apresentada à School of Communication, Washington, D.C.

Referências bibliográficas

- Guerra, I. C. (2006). *Participação e Acção Colectiva – Interesses, Conflitos e Consensos*. Edição Principia. Estoril.
- Innes, J.E. and Booher, D.E. (2004) Reframing public participation: strategies for the 21st century, *Planning Theory and Practice*, 5:4, 419-436.
- Levi, M. & Stoker, L. (2000). Political trust and trustworthiness. *Annual Review of Political Science*, 3, 475-507.
- Masschelein, J., Quaghebeur, K. (2006). Participation: Making a difference? Critical analysis of the participatory claims of change, reversal and empowerment. *Interchange*, 73, 309-331.
- McComas, K. A. (2006). Defining moments in risk communication research: 1996-2005. *Journal of Health Communication*, 11(1), 75-91.
- Redd, M. S. (2008). Stakeholder participation for environmental management: a Literature review. *Biological Conservation*, 141, 2417-2431.
- Renn, O. (2005). *Risk Governance. Towards an integrative approach*, White Paper, n.º 1. Geneve: International Risk Governance Council.
- Renn, O. (2008), *Risk Governance. Coping with uncertainty in a complex world*. London: Earthscan.
- Rowe, G. and Frewer, L.J. (2005) A typology of public engagement mechanisms. *Science, Technology, & Human Values*, 30 (2), 251-290.
- Siegrist, M.; Earle, T. C. & Gutscher, H. (Eds.). (2010). *Trust in risk management. Uncertainty and Scepticism in the public mind* (2nd ed.). London: Earthscan.

restos

Programa 'SOS Térmitas - Unidos na Prevenção': Modelo Lógico



SITUAÇÃO

- incontrolabilidade na gestão da praga;
- ausência de informação e de práticas de prevenção e controlo da infestação por parte de todos os stakeholders
- Falta de confiança mútua entre gestores do risco e cidadãos
- Falta de confiança dos investigadores nos cidadãos

PRIORIDADES

- Consolidar a consciência social do risco da infestação
- Envolver os stakeholders no controlo da infestação

INVESTIMENTOS

Recursos Humanos:

- 3 técnicos dos 5 Municípios afectados
- Sec. Reg. do Ambiente e do Mar
- Sec. Reg. do Trabalho e Solidariedade Social
- Univ. da Madeira
- ECTM
- Voluntários (séniores e jovens)

Tempo:

- Conceção da Campanha
- Negociação de Parcerias
- Conceção, realização e regulação dos dist. de comunicação
- Implementação
- Avaliação e redacção de Relatórios

Dinheiro:

- ECTM
- Câmara Municipal
- SRAM

Recursos Materiais:

- 1 inv. maior a 50%
- 1 inv. médio a 5%
- 1 inv. menor a 5%
- 1 ECTM
- 1 ECTM tempo integral
- 1 ECTM 50% do tempo integral

REALIZAÇÕES ou PRODUTOS

Atividades *Grupos-alvo*

ARRUADA
- passeio público protagonizado pelas instituições implicadas na gestão da infestação, nas áreas mais afectadas pelo problema, visitando os cidadãos porta-a-porta e disponibilizando-se para ajudar (instruções e/ou montagem de armadilhas)
→ Cidadãos residentes nos Açores, particularmente do Faial

BANDA DESENHADA
- descrição ficcional, hiper-realista e apocalíptica de uma infestação por insectos térmitas, subordinada ao conceito "inventar o Futuro para mudar o Presente"
→ Cidadãos residentes nos Açores

EMISSÃO DE SPOT TV + RÁDIO
- "Ninguém reage, todos se comportam como se nada fosse!"
→ Cidadãos residentes nas cidades de Ponta Delgada, Horta ou Angra do Heroísmo, em situação de potencialmente infestados

COLOCAÇÃO DE OUTDOORS
Com mensagens usando o jargão popular e o ritmo dos provérbios e adágios:
- "Cabem mil numa algebeira mas não entram a casa inteira"
- "A térmita ganhou asa, proteja a sua casa!"
- "Justos montámos armadilhas e eliminámos x térmitas nas lhas!" ou versão negativa
→ Cidadãos residentes nas Freguesias declaradas como zonas potencialmente infestadas das cidades de Ponta Delgada, Horta ou Angra do Heroísmo

IMANES & ARMADILHAS
- Montagem, colocação e entrega de armadilhas distribuídas gratuitamente e acompanhadas por instruções de montagem
→ Cidadãos residentes nas Freguesias declaradas como zonas potencialmente infestadas das cidades de Ponta Delgada, Horta ou Angra do Heroísmo

ESQUADRÕES T
- rede de voluntários de formação e apoio porta-a-porta
→ Cidadãos residentes nas freguesias infestadas de SRG do Heroísmo

CIMEIRAS DOS T8
- reuniões entre instâncias envolvidas, promovidas pela equipa de Comunicação de Risco, para medir co-responsabilização, priorizar necessidades e operacionalizar parcerias
→ SRAM, SRTSS; CM cidades infestadas; UAC (Equipas ECTMA e Cam. Risco)

DIA T
- dia aberto da UAC com esclarecimento de dúvidas personalizado, demonstrações, etc
→ Cidadãos residentes na Ilha Terceira para contacto presencial ou nas outras ilhas por telefone ou email

levantamento e mapeamento de necessidades em função da análise do sistema de resposta social ao problema
→ Secretaria Regional do Ambiente e do Mar; Direcção Regional do Ambiente

FORMAÇÃO DE PERITOS QUALIFICADOS (SCIT)
- preparação no domínio da identificação do risco, da análise de estratégias de mitigação e de formas de atendimento público
→ Técnicos da SRAM (de atendimento público, autáum, inspecionem ?????) e candidatos privados a peritos de SCIT

FORMAÇÃO EM CONTEXTO
- análise de processos concretos; propostas de funcionamento proactivo; e de articulação intra e interinstitucional por circuitos de qualidade.
→ Serviços de atendimento público (CM e JF) e suporte técnico à infestação das zonas potencialmente infestadas

RESULTADOS

Curto prazo *Médio prazo* *Longo prazo*

DAR VISIBILIDADE ÀS RESPONSABILIDADES ASSUMIDAS PELO ESTADO
Indicadores:
- receptividade aos políticos; abertura da porta; interpretação e comentários

SENSIBILIZAÇÃO PARA O PROBLEMA E PARA A NECESSIDADE DE PARTILHAR RESPONSABILIDADES NA SUA GESTÃO
Indicadores:
- interesse e satisfação com o consumo de suportes como a BD;
- apreensão da problemática em causa; compreensão da mensagem (estratégia de solução; natureza do problema) e dos valores transmitidos;

IMPLICAR EM PRÁTICAS CONCRETAS DE GESTÃO DO PROBLEMA
Indicadores:
- % de iniciativas representadas nas reuniões;
- % de identificação dos valores necessários ao enfrentamento do probl (BD)
- % de pessoas que atenderam os questionários T;
- grau de satisfação com a acção do direct mail;
- identificação de motivos de resistência à participação;

PROMOÇÃO DA LITERACIA SOBRE O PROBLEMA
Indicadores:
- nº e perfil de voluntários envolvidos no esclarecimento de dúvidas à população
- satisfação com a tarefa;
- intenção de replicar a participação

AQUISIÇÃO DE CONHECIMENTOS E DESENVOLVIMENTO DE COMPETÊNCIAS DE PREVENÇÃO E CONTROLO
Indicadores:
- interesse; nº de pedidos de esclarecimento de dúvidas (Dia T, programas de Tv, via telefone)
- satisfação; feedback demonstrado com as iniciativas

CONSULTADORIA
Indicadores:
- interesse demonstrado pela tutela no posto trabalho;
- nº convites para emissão de pareceres
- nº reuniões para regulação de parcerias

AQUISIÇÃO DE CONHECIMENTOS E DESENVOLVIMENTO DE COMPETÊNCIAS DE IDENTIFICAÇÃO, DIZIMAZO E ATENDIMENTO PÚBLICO
Indicadores:
- interesse; nº de candidatos ao curso de peritos privados
- participação nas sessões; feedback demonstrado com as iniciativas
- assistência às sessões

MELHORAR A QUALIDADE DO ATENDIMENTO E ENCAMINHAMENTO DOS UTENTES
Indicadores:
- participação nas sessões; presenças e número das sessões
- feedback sobre a utilidade da iniciativa

DESPERTAR/CONSOLIDAR A CONCIÊNCIA SOCIAL DO RISCO E DO PROBLEMA
Indicadores:
- formação de consciência do problema;
- nº de pessoas que tomou conhecimento da problemática por algum suporte da Campanha;
- receptividade; fazer notícia na mídia (TV, rádio, jornais, revistas, etc.);
- nº de notícias publicadas nos media
- nº de entrevistas à Equipa
- valores de circulação das fontes;
- destaque conferido às notícias em termos de publicação (manchetes, localização na fonte, etc.)

PARTILHAR RESPONSABILIDADES NA GESTÃO (PREVENÇÃO E CONTROLO) DO PROBLEMA
Indicadores:
- % de municípios envolvidos relativamente aos declarados como infestados;
- assunção de compromissos financeiros para a viabilização da Campanha:
- participação na Campanha;
- % de pagamento municipal ateco à CR no combate as térmitas;
- adopção de comportamentos de prevenção e controlo;
- % de armadilhas entregues mas JF relativamente às distribuídas;
- estimativa de térmitas eliminadas através da colocação de armadilhas domésticas;
- intenção de continuar com práticas de prevenção e controlo;
- willingness to pay no âmbito da prevenção e controlo;
- nível de confiança pública;
- opinião acerca da gestão do problema: direct mail, apoio financeiro etc.

GERIR COM AUTONOMIA O PROBLEMA
Indicadores:
- nº de armadilhas montadas nas casas antes das visitas dos Esquadrões T
- nº de armadilhas montadas e entregues depois das visitas dos Esquadrões T

CONSULTADORIA
Indicadores:
- alterações introduzidas no sistema de resposta em função dos nossos pareceres
- recurso a materiais nossos pela DRA

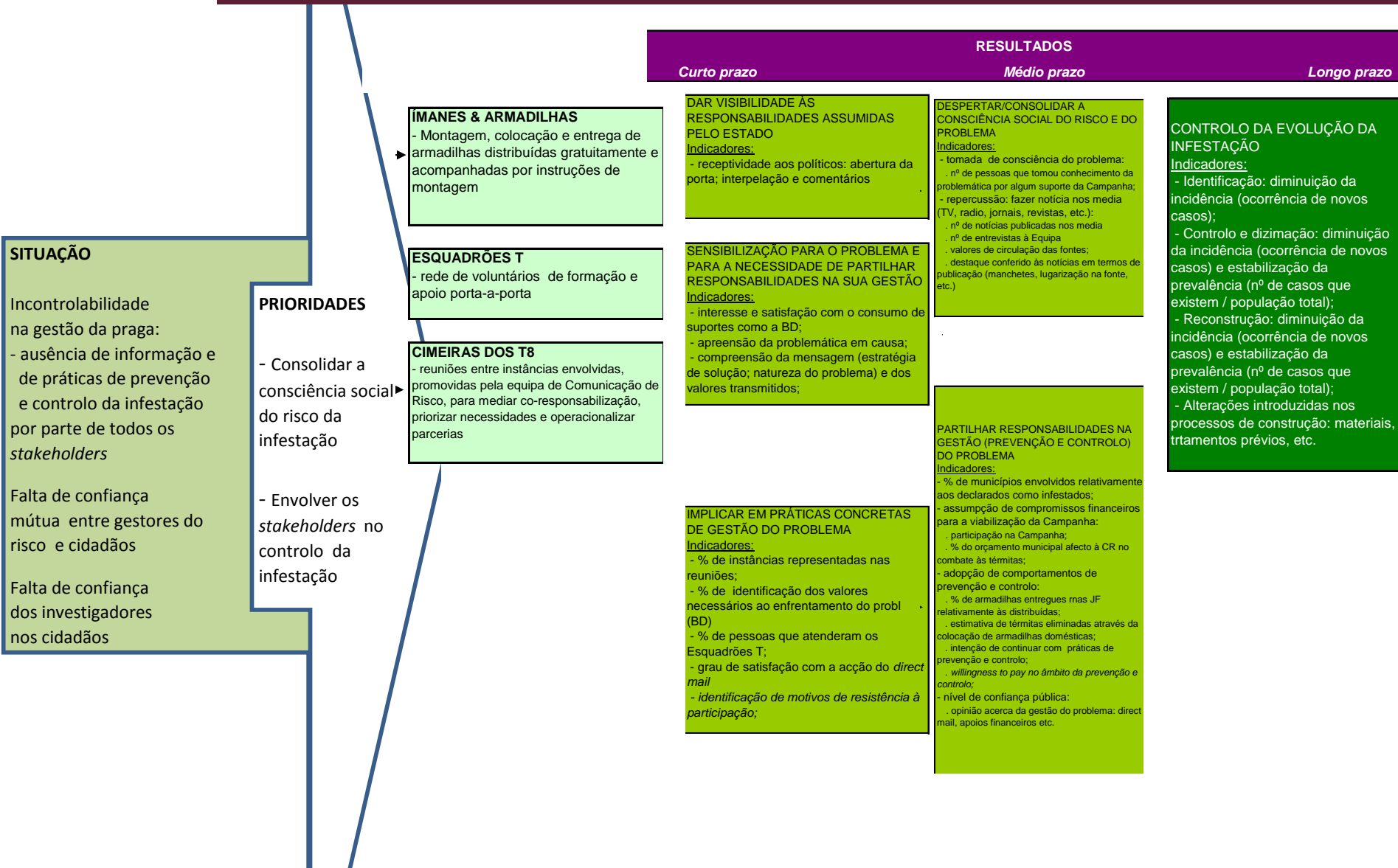
AQUISIÇÃO DE CONHECIMENTOS E DESENVOLVIMENTO DE COMPETÊNCIAS DE IDENTIFICAÇÃO E ATENDIMENTO PÚBLICO
Indicadores:
- conhecimentos e competências demonstradas no processo de avaliação final

MELHORAR A QUALIDADE DO ATENDIMENTO PÚBLICO E O ENCAMINHAMENTO DOS UTENTES
Indicadores:
- comparação pré vs pós-teste de conhecimentos
- reformulações efectuadas nos serviços
- satisfação dos utentes

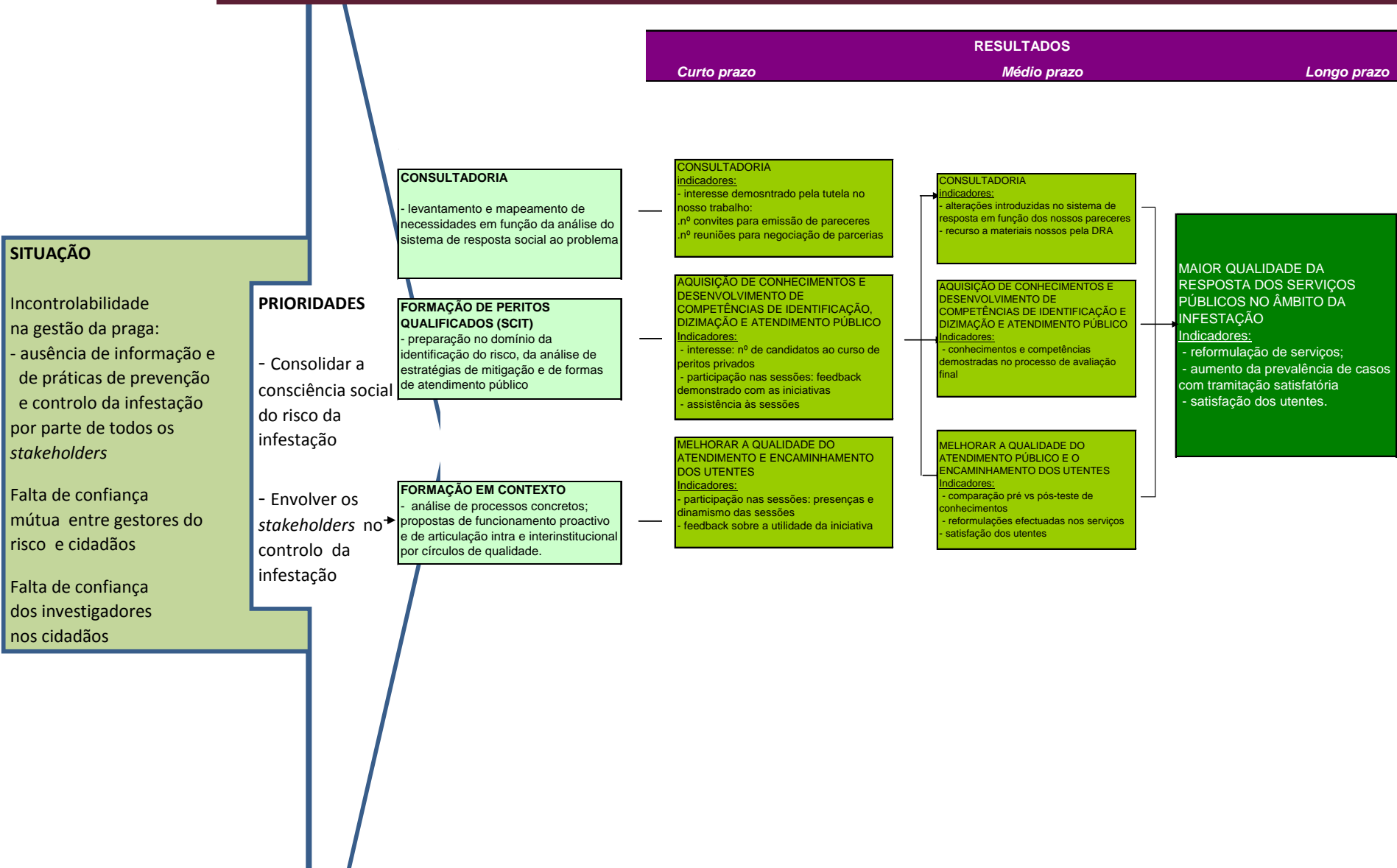
CONTROLO DA EVOLUÇÃO DA INFESTAÇÃO
Indicadores:
- identificação; diminuição da incidência (ocorrência de novos casos);
- Controlo e eliminação; diminuição da incidência (ocorrência de novos casos) e estabilização da prevalência (nº de casos que existem/ população total);
- Reconstrução; diminuição da incidência (ocorrência de novos casos) e estabilização da prevalência (nº de casos que existem/ população total);
- Alterações introduzidas nos processos de construção; materiais; tratamentos prévios, etc.

MAIOR QUALIDADE DA RESPOSTA DOS SERVIÇOS PÚBLICOS NO ÂMBITO DA INFESTAÇÃO
Indicadores:
- reformulação de serviços;
- aumento da prevalência de casos com tramitação satisfatória
- satisfação dos utentes.

Programa 'SOS Térmitas - Unidos na Prevenção': Modelo Lógico

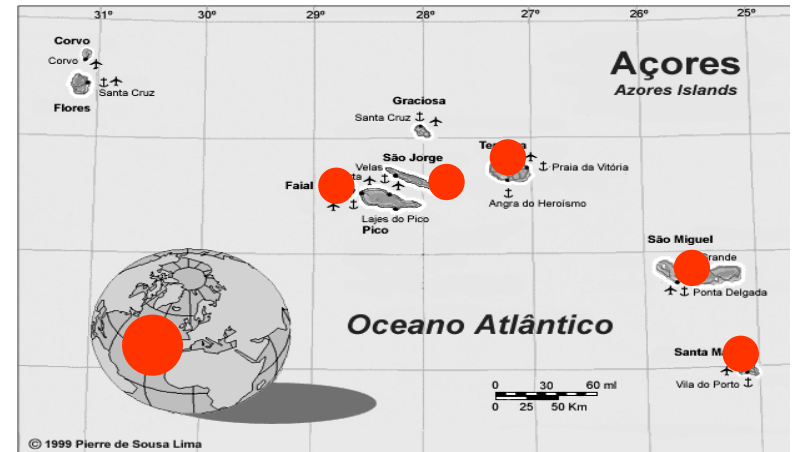


Programa 'SOS Térmitas - Unidos na Prevenção': Modelo Lógico



Contornos do Problema

TÉRMITAS: Uma praga urbana



- As áreas mais afectadas estão localizadas nos centros históricos das principais cidades, onde os edifícios são velhos, os seus habitantes idosos e com baixos recursos (rendimentos e literacia).
- Alguns dos tipos de madeira usados tipicamente na construção civil encontram-se entre os mais consumidos pela *C. brevis*;
- A infestação não pode ser completamente erradicada;

Contornos do Problema

TÉRMITAS: Uma praga urbana

- A tecnologia de desinfestação aqui existente ainda está a dar os 1ºs passos: formação incipiente, protecção reduzida, cultura de aplicação e não de inovação tecnológica (I&D);
- Recentemente, o método da temperatura deu resultados muito optimistas para o extermínio, mas ainda não existe disponível no mercado ;
- A situação tem-se alargado a outras ilhas e está a agravar-se na maioria dos locais onde está sinalizada (Guerreiro, 2011);
- Desconhece-se a situação de muitas ilhas e de muitos locais em cada uma das ilhas já monitorizadas.



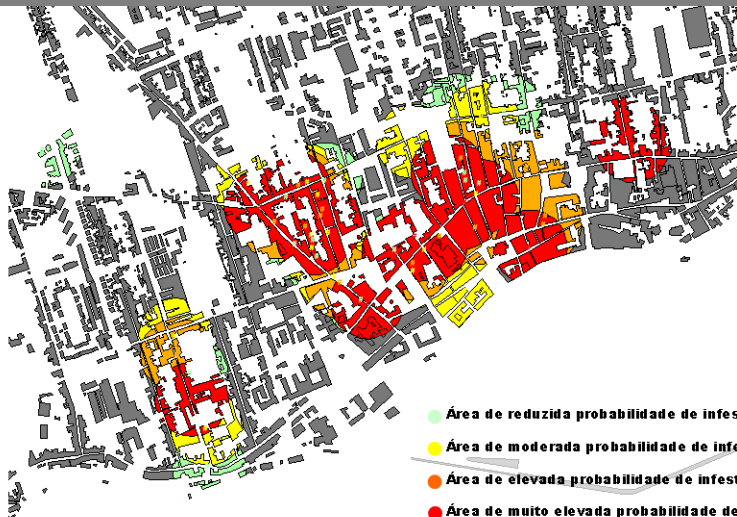
VULNERABILIDADE DO SISTEMA SOCIOECONÓMICO

AUMENTA A GRAVIDADE DO IMPACTO DA PRAGA

ALIANÇA ESTRATÉGICA NA GESTÃO DE PRAGAS

Ciências da Vida & Ciências Sociais

AVALIAÇÃO DE RISCO: investigação realizada sobre a fonte de risco & técnicas de dizimação



TERMIPAR (2006-2009)

cidadãos

argumentos para não participar:

INCONTROLABILIDADE

É

ESTÁ

- modo de actuação da praga (invisibilidade da destruição);
- experiência internacional demonstra impossibilidade de erradicação.



- inexistência de soluções técnicas eficazes de extermínio;



- inexistência de recursos e apoios financeiros;



- ausência de medidas de controlo implementadas pelo Estado;



- descrença na concertação e colaboração entre todos os implicados.



Pouco focados na forma como as PESSOAS PENSAM & como se MEDEIAM as ≠ perspectivas em presença

GOVERNANCE DO RISCO

Materialização dos princípios do modelo do IRGC

Programa ‘SOS Térmitas - Unidos na Prevenção’:

POLÍTICOS:

- É um problema privado e deve ser controlado pelos cidadãos;
- *Eles não pedem ajuda!* (reduzido nº de inspecções requeridas)

CIDADÃOS:

- Falta de recursos económicos
- Falta de confiança nos políticos:
“prometem mas não cumprem”;
- Descomprometimento *“Se eles não fazem porque é que eu haveria de fazer?”*

A governance do risco é acima de tudo um processo de comunicação bilateral entre stakeholders.

INVESTIGADORES:

- É impossível de erradicar mas pode e deve ser controlada;
- *“Ninguém nos ouve”:* (políticos e cidadãos).
- *São ignorantes e passivos! (cidadãos);*

A comunicação de risco através da mediação pretende:

- Ter em conta a agenda de cada *stakeholder* ;
- Contribuir para o gradual aumento de poder de actuação e consequente autonomia dos *stakeholders* implicados.

ALIANÇA ESTRATÉGICA NA GESTÃO DE PRAGAS

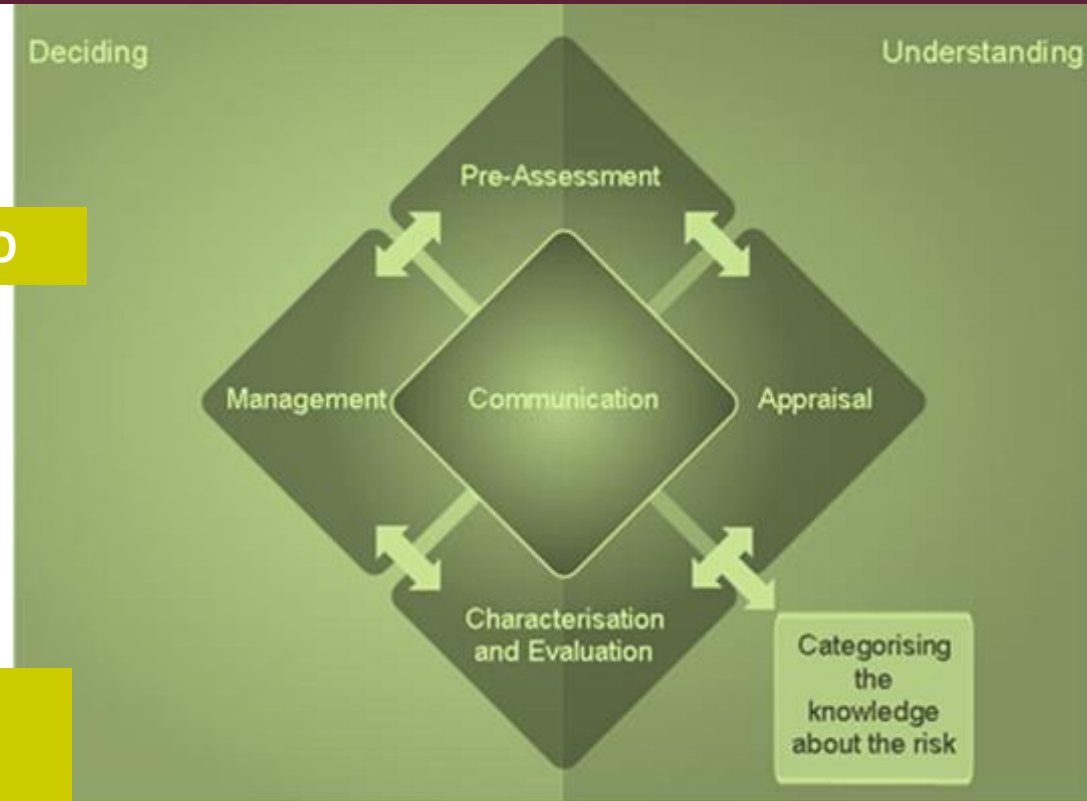
Ciências da Vida & Ciências Sociais

MODELO DE GOVERNANÇA DO RISCO

ABORDAGEM INTERDISCIPLINAR: integra aspectos das ciências naturais, técnicas, económicas, sociais e culturais para avaliar e lidar com o risco

RACIONALIDADE COMUNICATIVA

Torna central a **COMUNICAÇÃO** ao “dar voz” a todos os **stakeholders** na mediação dos seus interesses



International Risk Governance Council (adapt. de IRGC, 2008)

Esquema de Governança do Risco do IRGC

(International Risk Governance Council)

Âmbito da Gestão:

Decisão e Implementação de Acções

Âmbito da Avaliação:

Formulação do Conhecimento

Gestão do Risco

Implementação

- Opções de Realização
- Monitorização e Controlo
- Feedback das Práticas de Gestão do Risco

Tomada de Decisão

- Opções de Identificação e Geração
- Opções de avaliação
- Opções de evolução e selecção

Pré-Avaliação

- Enquadramento do Problema
- Avisos prévios
- Esquematização de relance
- Determinação de Convenções Científicas

Apreciação do Risco

Avaliação do Risco

- Identificação e estimativa do perigo
- Avaliação da exposição e da vulnerabilidade
- Estimativa de Risco

Avaliação da preocupação

- Percepção do risco
- Preocupação social
- Impactos Socioeconómicos

Comunicação

Julgamento, Tolerabilidade e Aceitabilidade

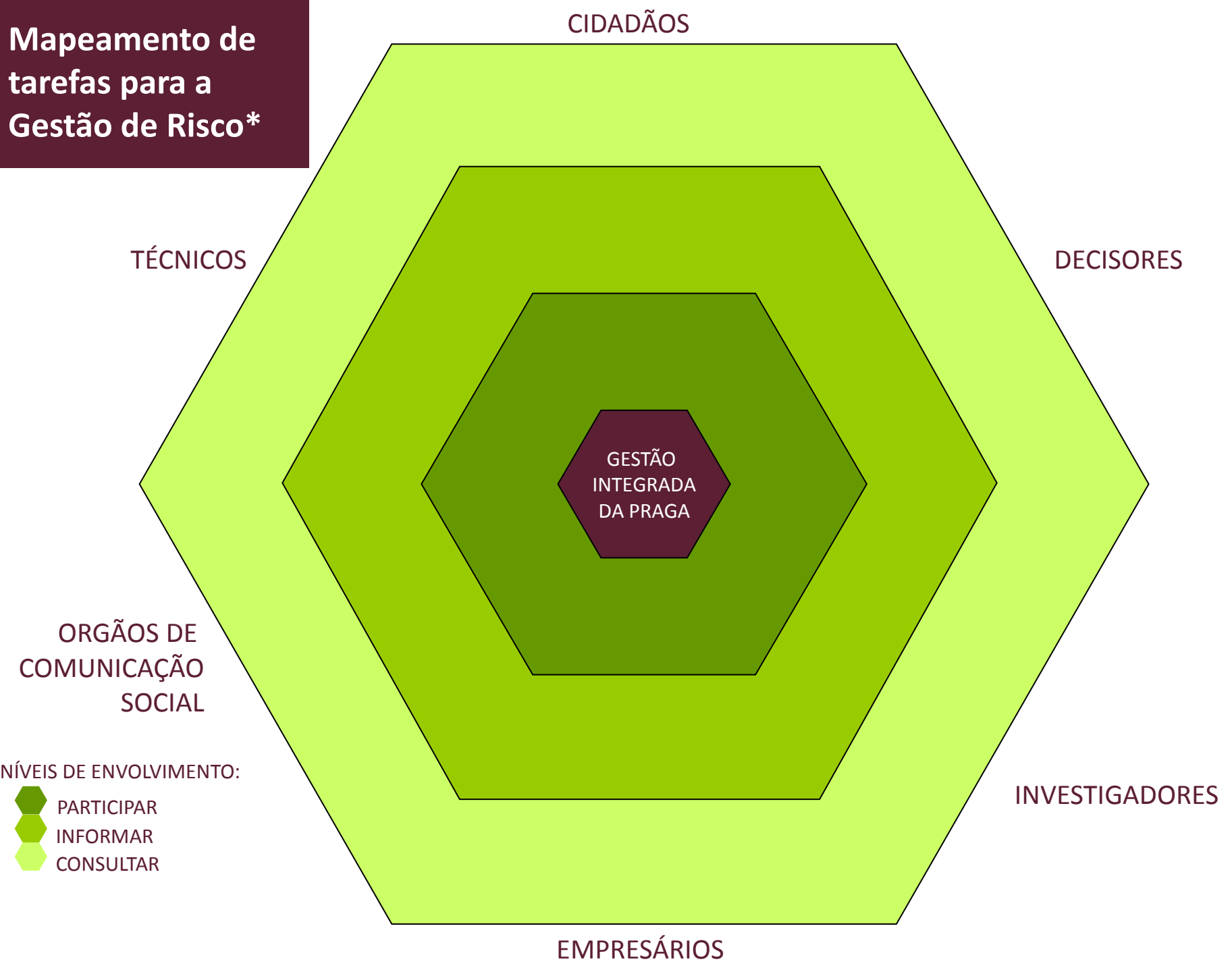
Ponderação do Risco

- Estimar e ponderar a tolerabilidade e a aceitabilidade
- Ponderar a necessidade de medidas de redução do risco

Caracterização do Risco

- Perfil do Risco
- Avaliação da Gravidade do Risco
- Conclusões e opções de Redução do Risco

Mapeamento de tarefas para a Gestão de Risco*



CIDADÃOS

TÉCNICOS

DECISORES

GESTÃO
INTEGRADA
DA PRAGA

ORGÃOS DE
COMUNICAÇÃO
SOCIAL

INVESTIGADORES

EMPRESÁRIOS

NÍVEIS DE ENVOLVIMENTO:

- PARTICIPAR
- INFORMAR
- CONSULTAR

